

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 183 — Domingo, 9 de Dezembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

A LEI DE MEIOS

Pelo DR. GOELHO DO VALLE

FOI apresentado pelo sr. ministro das Finanças o Relatório da Proposta de Lei de Meios, o qual vai ser discutido para ulterior aprovação na Assembleia Nacional, e revela que a vida económica do País acusa um progresso constante, apesar dos obstáculos inevitáveis que o mesmo documento explicita. Além disso, encara-se, com grande clareza, um conjunto de medidas que devem poderosamente contribuir para melhorar a nossa estrutura agrícola, as quais consistem no desenvolvimento em qualidade e volume da assistência técnica assegurada à lavoura.

Todavia, para além destas providências, situam-se muitas outras de igual ou ainda maior projecção, nomeadamente no que respeito à dimensão conveniente da propriedade. Sem dúvida, será oportuno que a opinião pública se manifeste largamente sobre este

problema, pois estamos certos de que o Governo poderá encontrar nela o decidido apoio que lhe será necessário para levar a cabo vigorosas realidades reformadoras, que vão até ao cerne deste fundamental aspecto dos interesses gerais da Nação.

Entretanto, o Plano de Fomento continua a exercer a sua influência vitalizadora e salutar; as indústrias renovadas ou de recente instalação estão a dar contributo relevante à melhoria do nível de vida nacional; o mercado interno tende a alargar-se; a cooperação económica da Metrópole com o Ultramar acentua os seus benéficos efeitos; o Estado alarga progressivamente as suas in-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

LEGIÃO PORTUGUESA

Realizaram-se ontem em todo o País cerimónias comemorativas do 20.º aniversário desta patriótica organização.

Iniciada num momento de grave crise política na Nação vizinha, por solicitação espontânea e entusiástica de muitos milhares de portugueses, conscientes dos perigos que então nos ameaçavam, a Legião Portuguesa tem prestado ao País relevantes serviços — e continuará a prestar-lhos, com a mesma dedicação de sempre, pois muito embora as duas nações peninsulares, presentemente, possam apontar-se como exemplos de paz, de tranquilidade e de trabalho fecundo, num Mundo cego e demetado, temos de continuar vigilantes contra o perigo, cada vez maior, que continua a ameaçar-nos.

CARTA DE LISBOA

DESAPARECE UM CAFÉ HISTÓRICO

Por D. ROSÁLIA BRAAMCAMP

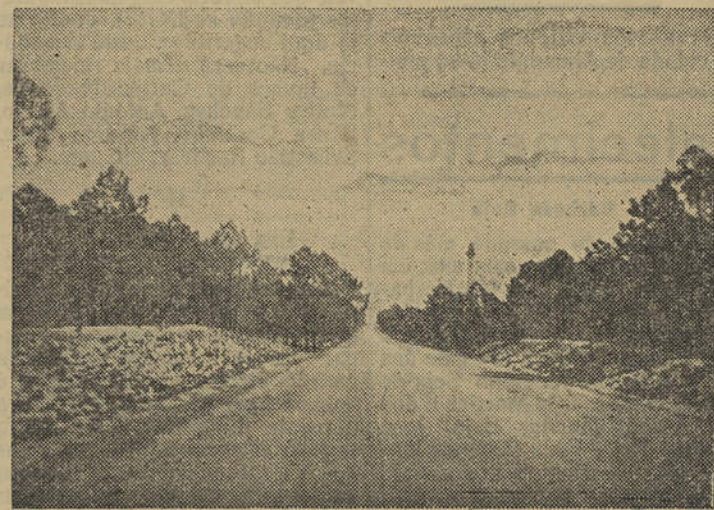
MEIO século atrás, mesmo um pouco antes, Lisboa tinha o culto do «café». Ali se fazia política, se formavam grupos literários e artísticos, e se cozinhava a coisa mais saborosamente portuguesa, o boato.

O público do café tinha o seu peso na vida nacional, escutava-se-lhe a crítica, um deputado podia, mesmo, abrir uma intervenção no Parlamento com uma frase como esta: «Diz-se nos cafés...». E cada qual — é evidente — tinha a sua «casta», a sua facção, alguns deles, serviram, mesmo a centros de actividade política. E' o caso da «Brasileira» do Rossio, que vai fechar agora. A «Brasileira» do Rossio formava com o «Martinho» os dois polos antagónicos da filiação política. Na primeira, abancavam os republicanos do partido democrático e elementos da Carbonária, sob a presidência do respectivo chefe, Luz Júnior. No «Martinho», faziam roda os monárquicos, os católicos, os elementos conservadores. Era um centro intelectual de peso, celebrado pelo grupo dos Vencidos da Vida, que ali estabeleceu poiso, desde o Eça ao Ramalho. Costumava dizer D. Carlos que tinha de ir um dia ao «Martinho» conhecer «esses senhores...». Havia divisão de grupos: a um canto, os políticos, noutro lado, os militares; os académicos, em círculo; e os artistas, agrupados consoante a sua escola.

Era evidente que os dois extremos se feriam e atacavam com a palavra, e por vezes passavam mesmo à acção. Berravam os republicanos, ao passar à porta do «Martinho», e os monárquicos, de seu lado, certamente não passavam sem um dito à porta da «Brasileira». Nesta se fazia a verdadeira concentração dos elementos maçónicos, que anteriormente costumavam reunir no «Gelo», ali mesmo também no Rossio e donde saíam os regicidas: o Buiça e os outros. A quadrilha era verdadeiramente terrível. Certa vez,

um tal Manuel Matos, que chamavam «O Pintor», saiu dali com um grupo de seus homens decididos e dirigiu-se à Junta do Crédito Público, onde estavam reunidos os elementos que iriam tomar posse do Governo. Chefiaria o Ministério um genro de Guerra Junqueiro, Mesquita de Carvalho, que presidia no momento à refe-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



INICIOU-SE A CONSTRUÇÃO de um Parque de Campismo

NA MATA NACIONAL, JUNTO DE MONTE GORDO

NOS últimos dias de Janeiro deste ano de 1956, que está prestes a finalizar, efectuou-se uma reunião na Câmara Municipal desta vila, a que assistiram, além do então vice-

presidente, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, e os membros da Comissão Municipal de Turismo srs. eng. João Manuel Barroso e Manuel da Silva Domingues, os srs. Olavo Terroso, Vasco de Oliveira e Manuel Martins Fernandes, dirigentes da Federação Portuguesa de Campismo, e Francisco de Horta e Rui Martins, dirigentes dos núcleos campistas desta vila. Objectivos da reunião: escolha de local próprio, na nossa Mata, para a construção de um Parque de Campismo.

Em visita que então se fez à Praia de Monte Gordo e à Mata, os nossos vi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O FOLCLORE NA INDONÉSIA

Por ROLLIN DE MACEDO

O FOLCLORE de uma nação tem sempre interesse, quer para o turista quer para o estudioso. Daí o dar a conhecer aos meus leitores o folclore, bem característico, existente na Indonésia.

As diversas espécies de dança naquele país eram, na origem, relacionadas intimamente com a guerra, com o culto religioso e com os costumes tradicionais.

A EXPOSIÇÃO de gravuras

DE MANUEL DOS SANTOS CABANAS

NO CLUBE RECREATIVO

«OS OLANHENSES»

MEM constituído um verdadeiro sucesso a exposição dos trabalhos do distinto artista-gravador, nosso prezado amigo e colaborador muito distinto, sr. Manuel dos Santos Cabanas, nas salas do Clube Recreativo «Os Olanhenses», em Olhão.

Perto de uma centena de preciosos trabalhos de gravura em madeira, a maior parte já nossos conhecidos da Exposição realizada, há anos, na sala nobre dos Paços do Concelho desta vila, e duas dezenas de encadernações valiosíssimas, enchem duas salas da simpática agremiação recreativa da vila cubista. Entre

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Mas parte delas passaram agora a simples entretenimento.

As danças guerreiras, ou melhor, as suas remanescentes, ainda existem, como por exemplo na ilha de Ambon (ao sul das Molucas), no oriente da Indonésia e na ilha de Bali. As danças com fundo religioso podem ver-se tanto nesta ilha como na de Sulawesi (a nordeste de Java) e em várias partes de Kalimantan (a norte de Java).

As danças guerreiras amboinesas «Chakalaylay» servem para comemorar a batalha que o povo de Ambon travou contra os estrangeiros, que quiseram ocupar a ilha, a fim de poderem negociar as especiarias que ali crescem. Os dançarinos usam, cada um, uma tanga vermelha e um manto da mesma cor, e segurando uma lança na mão direita e um escudo na outra, movem-se saltando os seus gritos de guerra. O acompanhamento desta dança de guerra amboinesa é feito, usualmente, com alguns tambores e um pequeno gongo; ocasionalmente, esta limitada orquestra inclui um instrumento de tinir.

Há, pelo menos, duas danças guerreiras na ilha de Bali: uma, antiga, em que os dançarinos estão equipados de arco e flecha, e uma outra, moderna, em que usam espingardas.

Os balineses são bem conheci-

PAÇOS DO CONCELHO de Monchique

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal de Monchique, para adaptação de um edifício a Paços do Concelho, a comparticipação de 20.000\$00.

dos pelas suas danças, que têm um fundo religioso. O «Sanghiang», ou a «dança das deusas Supraba e Nilutama», é uma espécie de exorcismo para afastar os espíritos diabólicos que tenham trazido uma epidemia a qualquer parte do país. As danças, neste caso, são representadas por duas

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

apresenta

UMA CRÓNICA

por semana

GOSTO imenso de ler os relatos comentados das audiências, que diariamente se publicam nos jornais. Têm quase sempre interesse e demonstram a justiça ou a injustiça dos homens, as prepotências que, por vezes, se praticam e a sagacidade dos magistrados em escarpelizar-las.

Há quase sempre uma profunda lição nesses relatos e até na maneira como os jornalistas os fazem.

A vida de uma cidade, como Lisboa, por exemplo, é tremendamente complexa e assente sobre mil e uma pequenas particularidades

que constituem um todo. Fragmenta-se em mil e um pequenos dramas que dia-a-dia têm lugar. E aquilo que muitas vezes constitui a alegria para uns, representa a amargura e a tristeza de outros.

No desempenho das profissões mais dispares surgem, a cada passo, complicações que se resolvem a soco, pela astúcia, cobardeamente, ou no tribunal. Seja, porém, qual for a forma de fazer prevalecer o direito, nem sempre a justiça exerce plenamente a sua acção.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

RELANÇE DA HISTÓRIA DO BRASIL

Pelo ENG. SILVA CARVALHO

go, embora jornalisticamente careça de valor, há-de aproveitar a muita gente.

Não vamos embrenhar-nos numa resenha pormenorizada da história do Brasil, até mesmo porque falta espaço para tanto neste local. O que importa é a ideia generalizada dos factos de maior destaque, esquiçando através dela, e em largos traços, as etapas fundamentais em que parece dividir-se o conjunto de acontecimentos que serve de objecto à nossa síntese.

As terras de Vera Cruz já eram habitadas quando Pedro Álvares Cabral as pisou pela primeira vez. Porém, a história do Brasil não deve ser levada para além da chegada dos portugueses, e isto porque a nação, pela língua, pela religião, pelos costumes, não mergulha as suas raízes no tradicional das raças aborígenes. O seu processo evolutivo inicia-se em 1500, depois do contacto do índio com o europeu, e completa-se mais tarde com a presença do negro de Angola, que, mercê do esforço das missões católicas, acaba por se identificar com o restante da população, no mesmo amor à terra, no mesmo anseio pelo progresso dela.

Indubitavelmente, este milagre da fusão de 3 raças diferentes levou séculos para se realizar de forma perfeita. Mas já alguma coisa existia desse milagre quando da invasão holandesa, isto se

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

D. ENRIQUE SUÁREZ DE PUGA

POR ter sido designado para exercer idênticas funções em Chicago, deixa brevemente o cargo de cônsul de Espanha em Faro o sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas.

Diplomata distintíssimo, de raros predicados de inteligência e fino trato, o sr. D. Enrique Suárez de Puga, durante os anos em que representou a Espanha no Algarve, promoveu intenso e fecundo estreitamento das tradicionais relações de amizade entre os dois países vizinhos, granjeando enorme prestígio e viva simpatia não só dos portugueses que com ele tiveram o prazer de conviver, como dos seus compatriotas, que lhe tributavam verdadeira veneração.

Artista plástico de muito merecimento e escritor brilhantíssimo, distinguiu, por mais de uma vez, o nosso jornal com a sua honrosa colaboração, em artigos exaltando a amizade hispano-portuguesa e, num número do «Notícias do Algarve» dedicado a Alamoente, com um interessantíssimo e valioso trabalho sobre arte espanhola.

Por motivo da sua próxima retirada, o sr. cônsul e sua esposa ofereceram, há dias, nos salões do Consulado, uma brilhante recepção a que assistiram as principais autoridades do distrito, amigos pessoais e elementos mais categorizados da colónia espanhola, o que deu ensejo a troca de amistosos brindes entre aquele diplomata e o sr. governador civil de Faro.

IMPRESA

«A VOZ DE LOULÉ»

Completo, no passado dia 1, o seu 4.º aniversário o nosso prezado colega «A Voz de Loulé».

Um dos mais valiosos órgãos da Imprensa algarvia, a província e, em especial, a importante e progressiva vila onde se publica, e todo o seu vasto concelho, ficam a dever-lhe, nestes curtos quatro anos da sua existência, uma acção valiosíssima e desinteressada, a que é de inteira justiça dar o merecido relevo.

Por tão festiva data, endereçamos ao seu ilustre director, sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, e ao seu dedicado editor e proprietário, sr. José Maria da Piedade Barros, os nossos melhores cumprimentos de felicitações, extensivos a todos quantos trabalham na «Voz de Loulé», com votos de muitas prosperidades e longa vida.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Inapagável aroma

— Entristece-me ver as flores murchas. E' um remorso, percebes? Como se eu própria tivesse concorrido para isso...

Isto disse eu, um dia, à Maria Alice. Os senhores podem saber muito, ter fé em várias ciências. Só não têm sobre mim a vantagem de conhecer a Maria Alice. Eu digo: imagina uma figurinha alta e morena. Fenícia, claro. O pai é de Aveiro... Com uns vestidos simples, desprezíveis. Mas se move, é imperceptível como uma folha que o vento leva, vista através de vidros espessos. Mas, assim mesmo, ficam sem conhecer nada a respeito da Alice. E' preciso que eu lhes diga como são os olhos dela, e daqui desisto eu. E' tarefa grande, demasiada, para mim. Basta dizer que são dois olhos repousados. Quando nós fitam, não garram. Ao contrário, afloram-nos apenas, como gavotas ranzando o mar.

Agora posso continuar. Disse-lhe eu que não gostava de flores murchas, etc., e desde aí não mais houve flores decedentes na jarra azul avoadas com um fiozinho de ouro. A Maria Alice encarrega-se de substituí-las na altura própria. Ele são rosas, malmequeres, dália, eu sei lá.

— Ó Alice, mas de onde vêm as flores?

— Do meu jardim.

— Mas a tua mãe...

— Não se importa. Ela sabe.

Descansei. Há dias, porém, tive de telefonar à Alice, não me recordo porquê. E responde-me, do outro lado, a voz levemente cansada da mãe.

— A Alice não está. Foi comprar as flores.

— Quais flores?

— Não me lembro do que ouvi mais. Toda eu fiquei ausente.

Era uma sombra com o auscultador preso aos ouvidos. Compreendia... As flores do quintal... Mas a Alice não tem quin-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

A ALJEZUR

Pelo Fundo de Desemprego, foi concedido pelo ministro das Obras Públicas à Câmara Municipal de Aljezur, uma comparticipação de Esc. 128.738\$50, para a obra de abastecimento de água à vila, sede do respectivo concelho.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, residente em Lisboa.

Igualmente, esteve entre nós, tendo já regressado a Lisboa, onde reside, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. José Vas Bandeira.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Agostinho Martins da Rosa, residente em Portimão.

Vindo de Olhão, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado amigo e colaborador sr. José Agostinho Queiros.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo sr. João Adelino Canelas.

A consultar a medicina, encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria Faustina Vasco, esposa do nosso prezado assinante sr. Custódio Vasco.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António Xavier Rodrigues, residente em Odeleite.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua família o nosso prezado assinante sr. José de Sousa, residente na Ilha Terceira (Açores).

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. Manuel Francisco Assunção.

Doente

Sofreu, há dias, um desastre em Lisboa a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Domingues Medeiros, irmã da sr.ª D. Adelina Medeiros Carrilho e do nosso prezado amigo sr. dr. João Domingues Medeiros. Fazemos votos pelo pronto restabelecimento da sinistrada.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Guia do jardineiro»

Acabamos de receber o n.º 4 da Colecção Agrária, este útil guia para quem se dedica ao tratamento de jardins, pois nele se encontrarão todos os elementos necessários ao jardineiro, como: Sementeiros, Adubos, Transplantações, Enxertia, Calendário do Jardineiro, Plantas de Casa e de Jardim, Enfermidades e tratamentos e Conservação e Coloração das flores.

A seguir: «Guia do Agricultor», Prados e Pastagens, Plantas Nocivas, Conservação de Cereais, Legumes e Farinhas, Conservação das Forragens. Um magnífico volume ilustrado, com perto de 280 páginas.

Edições da Biblioteca Agrícola - Rua de S. Bento, 279 B-1. - Lisboa.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA
Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65
- Telefone 76 -
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PELA VILA

D. Marcelino Franco

No passado dia 3, segunda-feira, celebrou-se o primeiro aniversário do passamento à melhor vida do saudoso Bispo sr. D. Marcelino António Maria Franco, figura agrégia de eminente Prelado algarvio, que na nossa província deixou um rasto de santidade, como pastor apostólico, e uma profunda saudade em todos os corações dos seus antigos diocesanos.

Em comemoração desta data, realizou-se na igreja paroquial desta freguesia um serviço de exéquias e Missa de Réquiem, com grande concorrência de fiéis.

Assistência da «Cáritas»

Lemos, num diário da capital, que, por intermédio da «Cáritas Portuguesa», foram entregues no Centro de Ensino Doméstico da Obra das Mães, de Vila Real de Santo António, cem quilos de leite e queijo condensado, oferecidos pela «Cáritas Americana» e destinados à cantina escolar e às crianças da catequese.

Toponímia local

Os nossos vizinhos espanhóis da cidade de Almonte já há mui-

Falecimentos

D. Bárbara Beja

No dia 29 do passado mês de Novembro, faleceu nesta vila, em casa de sua filha, a sr.ª D. Bárbara Beja, viúva, de 81 anos de idade, natural de S. Brás de Alportel.

A saudosa extinta era mãe das sr.ªs D. Maria Joaquina Beja de Sousa, D. Bernarda Martins e dos srs. Aníbal Martins Beja, José Martins Beja, Félix Martins, Manuel Martins Beja, e era avó do nosso prezado assinante sr. Aníbal Beja Bexiga.

Os nossos pésames.

D. Etelvina de Jesus Santos

Vítima de um ataque cardíaco, faleceu em Olhão a sr.ª D. Etelvina de Jesus Santos, de 72 anos de idade.

A extinta era casada com o sr. Manuel Alexandre dos Santos, e mãe do sr. Manuel Alexandre dos Santos Júnior, proprietário da «Casa Brasil», de Tavira, e avó da sr.ª D. Maria Ermelinda Santos, telefonista dos C. T. T., e do sr. Manuel Alexandre dos Santos, funcionário do Grémio dos Armazenistas do Arroz, em Lisboa.

A família enlutada, e em especial ao nosso estimado colaborador sr. Manuel Alexandre dos Santos Júnior, apresentamos os nossos pésames.

Manuel Baptista Forra Júnior

Faleceu, no dia 2 do corrente, o sr. Manuel Baptista Forra Júnior, de 64 anos, pedreiro, natural das Hortas, desta vila, onde residia. O falecido era casado com a sr.ª D. Rita Angélica Antunes, e pai da sr.ª D. Leonor da Conceição Forra e do sr. Manuel Baptista Forra. O funeral realizou-se no dia seguinte.

José António Rafael

Faleceu em Monte Gordo, no dia 3 do corrente, o sr. José António Rafael, viúvo, de 81 anos, farmacêutico, natural da cidade de Faro e residente há muito tempo nesta freguesia, onde era director técnico da Farmácia Silva. O extinto era pai das sr.ªs D. Dinorah Companiz Rafael e D. Maria Alberta Dias Rafael, D. Felicidade Dias Rafael, e dos srs. Arnaldo Dias Rafael e João da Costa Rafael, e avó dos srs. Ulisses José Rafael e Alexandrino Rafael. O seu funeral realizou-se na terça-feira, com grande acompanhamento.

As famílias enlutadas, o «Notícias do Algarve» envia sentidas condolências.

Funerais a cargo da «Agência Viegas».

tos anos que, num gesto de fidalga homenagem ao país seu vizinho e irmão peninsular, dedicaram a Portugal uma das artérias principais da sua formosa cidade, à beira do comum Guadiana, num preito que a todos nos desvanece. Todavia, tem-se feito esperar demasiado o gesto correspondente da nossa parte, dando a um dos nossos arruamentos o nome da Nação irmã, atitude que se impõe, por motivos fáceis de compreender.

Suprindo esta imperdoável omissão das vereações vilareenses, já o nosso povo pombalino há muito vem designando por «Rua da Espanha» uma artéria que desemboca na Avenida marginal, no lado Sul da vila. Importa, porém, que oficialmente se consagre a nomenclatura, para satisfazer um imperativo de justiça e retribuir um gesto de fraternal amizade luso-hispânica.

E já que falamos de nomes de ruas, não seria mau que o pelouro cultural da nossa Câmara fosse estudando a necessária revisão da toponímia local, preenchendo algumas lacunas existentes na homenagem que merecem alguns ilustres filhos da nossa terra, de terem aqui perpetuado o seu nome, em vez de algumas designações incaracterísticas ou discutíveis que se lêem nalgumas tabuletas (quando as há...), conforme já aqui sugerimos, neste semanário. Não será demais relembrar os nomes de Carlos Medeiros, Matias Sanches, António Aleixo, Sousa Coutinho, António Capa, Sebastião Ramirez, etc., etc.

Luz cara «y mala»

Temos lido, ultimamente, queixas de algumas terras do País, em que se lamentam de estarem a pagar preços inoportáveis pela energia eléctrica, e acham que é demais 2\$20 por quilovatio, para corrente doméstica, com tarifa regressiva por escalões. Achamos graça a tais queixumes, porque na nossa terra estamos a satisfazer a «módica» taxa de 5\$20 por quilovatio-hora, já há muitos anos, e... ninguém se queixa, talvez envaldeidos pelo «recoix» de figurar a nossa vila entre as localidades do continente português onde a luz eléctrica é mais cara, não primando, aliás, pela qualidade e potência. E acresce que não gozamos nunca o benefício das tarifas decrescentes, isto é: temos de pagar a 3\$20 cada um dos Kwh consumidos, sem nenhum desconto, ao contrário do que sucede em quase todo o País.

Compreendia-se este fenómeno quando a produção e distribuição de energia estavam a cargo duma empresa particular, que visava fins lucrativos na sua exploração, como era natural e legítimo. Mesmo assim, já a corrente era então demasiado cara, mas havia que satisfazer dividendos aos accionistas e outros encargos duma organização comercial. De resto, ou cara ou razoável, não era à empresa que competia defender o consumidor, mas sim ao Município.

Esperou-se que a municipalização dos serviços de iluminação urbana viessem trazer algum alívio ao excessivo preço da luz, mas foi esperança baldada, visto que se manteve o «statu quo», sem melhorar a qualidade da corrente nem reduzir, pouco que fosse, o seu prohibitivo custo. Não haverá, então, diferença entre uma Sociedade comercial e um serviço municipalizado, que se presume não dever auferir lucros, mas tão somente ocorrer aos encargos de produção, manutenção e investimento, beneficiando os municípios logo directamente da mudança de regime, como em geral sempre acontece? Que se ganhou, afinal, com a troca?

Responda quem puder.

Nova Traineira

No passado dia 2 do corrente, foi lançada à água uma nova traineira destinada à pesca da sardinha, à qual foi dado o nome de «Joana d'Arc», construída no plano inclinado desta vila. A nova unidade pesqueira mede 18 metros de comprimento por 4,40 m. de largura, com um pontal de 2 metros.

Foi madrinha a menina Mariana Rita Horta Pena, filha do construtor naval sr. António Pena, sendo a embarcação propriedade da firma Pescarias de Santa Luzia, do concelho de Tavira.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.



PROVINCIA

TAVIRA

Melhoramentos citadinos

A Câmara Municipal acaba de adquirir um grupo de moradias situadas entre a calçada D. Paio Peres Correia e a Rua da Galeria, com vista ao projecto de abertura de uma larga avenida, que será rasgada desde a Rua da Liberdade ao Palácio da Galeria, futuro Palácio da Justiça. Registamos, com muito prazer, tal intenção do Município, e fazemos votos para que a execução de tão belo projecto não tarde muito, para vermos tanto as repartições públicas como os Serviços Judiciais estarem instalados condignamente e em local de fácil acesso, pois os actuais não se recomendam.

Posse

No passado dia 27 de Novembro, tomou posse do cargo de tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho o sr. Décio Bap-

CONTA GOTAS

tal, mora num terceiro andar...
Cubro as flores da jarra azul com as mãos ambas. Camélias, sem aroma. Flores proscritas. E no entanto, que doce, fundo, inapagável aroma deixam nas minhas mãos!

A Inteligência, hoje

Como tive já, uma vez, ocasião de lhes dizer, cabeleireiro, só na última. No entanto, depois de lá estar, entretenho-me, vou enchendo o alforge para estas gotas. Às vezes, dá-me vontade de rir. Outras, fico muito sério, com uma grande dor que em mim se espraia, como a cheta do rio numa planície sem fim.

A senhora D. H. (vou dizer o nome, não interessa) a senhora Dona Hortense lê o jornal que todos os dias o marido leva para casa. E então, durante o tempo que esteve no secador (na penitência, como diz graciosamente o «Prémio Prémio De Penteador Artístico Da Península») vai repetindo o que leu, a propósito da situação internacional. As coisas mais disparatadas, mais absurdas, aumentadas ainda com a fenomenal fantasia da D. Hortense. Fala, fala, arremelgando os olhos congestionados, como dois berlindes sujos num poente de outono. Eu não sei, diante daquela figura estranha, o que estou sentindo. Parece que lástima. Isso, parece que sim, lástima. Lá continua ela dissertando nas consequências da situação internacional.

— O meu marido diz que não há guerra. Oxalá que não. Enquanto houver crianças no mundo, oxalá que não haja guerras. Volto-me toda para a esguardar bem. Viu um ar de simpatia no meu gesto, pois arremelgou mais os berlindes sujos e acabou:

— Pois não é? As crianças não têm culpa do que fazem os crescidos.

Suspirou. A cabeça não vale grande coisa. Por dentro, claro. Por fora está uma obra de arte. A cabeça não vale grande coisa, e é pena, pois o coração é bom. Simplesmente, um coração bom é tão facilmente influenciável. A inteligência, hoje, é imprevisível.

Infantil

Menino da beira de água menino da beira-almém
— Faz ó, ó...
— diz-lhe a mãe.

Menino da beira-mar menino à beira-lamento
— Faz ó, ó...
— diz-lhe o vento.

E batendo na parede e deitando pelo postigo o grande olhar verde-amigo,
— dia-lhe o mar:
«Sonha comigo...»

Trágica ironia. Não aceites!

Vem aí o Natal. As montras estão cheias de brinquedos. A hora é das crianças e os comerciantes, em especial, não o esquecem. A hora é das crianças... Bem, é preciso que esta não seja uma frase superficial que se leia e logo se esqueça, que se leia só por ler. Não. É preciso que o Natal seja, mesmo, de todos os meninos-Jesus do mundo. Que façamos tudo, em grande ou em pequena esfera, para os protegermos.

Por exemplo: aparecaram nas montras, com certa profusão,

tista Bagarrão, que já há anos vinha exercendo idênticas funções em Silves. Ao acto da posse assistiram todos os funcionários da secção de Finanças e Tesouraria. Fazemos votos pelas suas prosperidades no desempenho da sua missão neste concelho.

Roubo de livros

Lemos, no «Diário de Lisboa», que no átrio da estação da Trindade, onde há um quiosque, um esperançoso gatuno deitou mão a um livro, mas não tão rápido que a empregada do quiosque não desse por tal. Chamado um polícia, o cavalheiro foi levado para a esquadra, onde procurou ainda desculpar-se. Esta esperança desvaneceu-se quando deu entrada no escuro do Aljube. Pois, aqui em Tavira, também há uma seita que se dedica ao roubo de livros nas livrarias locais. Ainda há pouco tempo, soubemos que numa conhecida livraria da terra um desses gatunos roubou o livro «A Arte de Furtar», do Padre António Vieira. Esse ainda não foi caçado, e se calhar está estudando para novos roubos de livros.

Outros, com mais sorte, e também gostando de deitar a mão a livros, fazem-no ao abrigo dum convencionalismo a que se chama cleptomania. — e.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António, se faz público que, na respectiva Secretaria e Secção, correm seus termos os autos de Falência Sumária, decretada a requerimento de António de Sousa Bonito, e, tendo sido apresentadas pelo senhor administrador da falência as contas da sua gerência, no respectivo apenso, correm éditos de oito dias citando os credores e o falido para, no prazo de cinco dias, que começará a contar-se da segunda e última publicação do competente anúncio, dizerem o que se lhes oferecer acerca das referidas contas, nos termos do artigo mil duzentos e trinta e cinco, do Código do Processo Civil.

Vila Real de Santo António, 3 de Dezembro de 1956.

O Chefe de Secção,

(a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

brinquedos de guerra. E que sugestivos são! Espingardas muito brutas, muito a sério, canhões que disparam — supinho que por fulminantes, na melhor das hipóteses — carros de assalto, cujas torres blindadas vomitam linguas de fogo. Pois bem, leitor fiel: que onde quer que vivas impeças, pela persuasão, a compra desses «atraentes» engenhos de morte. Mostra que não podemos amar a paz e ao mesmo tempo usarmos os instrumentos que — a brincar, embora — a destroem. Natal com armas de fogo — trágica ironia, esta.

Maria Manuela Nunes

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos que estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 19.ª série.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciem de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Aos nossos assinantes das Províncias Ultramarinas e do Estrangeiro, que tenham as suas assinaturas em atraso, pedimos o favor de nos mandarem as importâncias dos seus débitos, directamente ou por intermédio de pessoas de família residentes em Portugal continental.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 1 a 5 de Dezembro:

TRAINEIRAS	
Sul	75.300\$00
Leste	74.960\$00
Liberta	58.360\$00
Sr.ª da Piedade	43.490\$00
Flor do Guadiana	42.910\$00
Maria Rosa	36.210\$00
Tozé	33.460\$00
Janita	18.190\$00
Clarinha	17.480\$00
Total	400.360\$00

CERCO

Amazona 44.635\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 1 a 6 de Dezembro:

Entrados:	
MADALENA, Português, de 1.193 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.	
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.	
ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Ceuta, com esparto.	
GIRÃO, Português, de 428 ton., de Lisboa, vazio.	
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.	
Saídos:	
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.	
ARBEDO, Suíço, para Livorno e Génova, com conservas.	
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.	
GIRÃO, Português, para Ponta Delgada, com sal.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 8 a 14 de Dezembro, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda, Telefone 64.

Agradecimento

Maria Bárbara Viegas

Constança Maria Viegas Nogueira vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua saudosa mãe à última morada.

CINE-POZ

Hoje, 9, apresenta o grandioso filme SAPATINHOS DE CETIM, com Mandy Miller, Terence Morgan e Mai Zetterling.

Um filme que fará palpitar o coração de toda a gente. A história de uma bailarina que atinge o zenite da glória, para depois conhecer a trágica fatalidade. (Espectáculo para maiores de 13 anos).

Terça-feira, 11, o magistral filme espanhol ADEUS SEVILHA, com Marujita Diaz, Tullio Carminati, Manolo Moran e a colaboração especial do grande bailarino Pedro de Cordoba.

Toda a graça e alegria da castiça alma espanhola. Um espectáculo deslumbrante no ambiente incomparável da bela Sevilha.

A graça e o encanto das belas mulheres da Andaluzia. (Espectáculo para maiores de 13 anos).

VENDA DE TERRENO e UMA MORADIA

A saída da Vila, junto da Estrada Nacional, próximo da Casa do Consumo.

Informa-se nesta Redacção.

Um conto quase verdadeiro...

TENTAÇÃO

É tu a tentação, aquela que ronda, tenazmente, todos a quem tencionas perseguir...

E pensava com insistência nesta frase, mentalmente formulada, uma mulher formosa que recostada, confortavelmente, seguia em silêncio o fio dos seus pensamentos.

Ela amará alguém? interrogava a si própria.

Talvez! — respondia.

Mas fora, decerto, um sentir tão transitório e pouco fortificado que quase sentia dúvida ao olhar para dentro, ao pretender penetrar no âmago do seu ser.

Mas a tentação é sempre pertinaz e vai perdurando. Ela só vence a quem se deixe vencer e foi este o caso que merece ser contado.

Loucamente apaixonada, essa mulher, formosa e pensativa, uniu-se a um homem que dizia amá-la, mas que não o sentia...

Ela compreendia-o e procurou a todo o custo fazê-lo conhecer a outra parte da vida que ele desconhecia.

Aquele lado da vida simples que ela adorava, a casa, a leitura, numa palavra, o conforto doméstico.

Mas ele, o Diogo José não queria ouvir falar em tal. Para ele, o melhor de tudo era a rua e o café...

Elisa Adelaide sofria, caída e lutando sem desânimo para o conseguir.

Um dia, porém, que Diogo José percebeu que a esposa procurava, branda e meigamente, desviá-lo de uma tarde de estúrdia, com amigos, ele, aborrecido e pouco delicado, disse-lhe:

— Não tentes um impossível, Elisa. Nunca penses em que eu hei-de deixar esta vida a que eu estou feito. E' asneira tua e não o consegues.

Elisa Adelaide ressentiu-se, mas cheia de uma força de vontade também indomável, fez este voto solene, consigo somente:

Hás-de deixar essa vida que levas, vou fazer todo o possível.

Mas, quando o conseguir, deixo-te, só para saberes o que me fazes sofrer agora...

O tempo foi correndo, veloz, como é seu hábito, e Elisa Adelaide, com muita paciência e sagacidade, lá ia demovendo o marido de certas saídas, de outras reuniões, noites de café e mais passatempos idênticos que eram tanto da sua feição.

No fim de poucos anos, Diogo José sentia já tédio ao pensar que não se podia esquivar a certos encontros com amigos. A tudo isso fugia, porque o iam maçando.

Se resolvia sair, já ele a convidava para o acompanhar e sentia-se bem, muito bem.

Elisa Adelaide ia vencendo, aos poucos, mas não esquecia a sua jura.

Poucas teriam essa coragem e um dia, quando ele, completamente modificado, era fiel e o companheiro atencioso para Elisa Adelaide, ela tinha já todos os seus assuntos em ordem e... deixou-o.

Ele sofreu, agora que a sua casa era tudo para Diogo José, a sua esposa a melhor companheira, eis que tudo se modifica e a solidão surge-lhe, negra e assustadora.

A Elisa Adelaide, que alguns anos fora a sombra paciente daquele louco, teve a coragem de o abandonar, quando ele voltou de todo para ela.

Por isso Elisa perguntava a si própria:

Acaso eu o amei? Se tal tivesse acontecido, penso que não podia cortar o elo que nos ligava!

Mas ele fez-me sofrer e eu, friamente, tirei a desforra, com essa jura talvez insensata.

Cuidado, pois! Nem sempre os fortes são os vencedores...

Mas Diogo José não se conformava com o afastamento da esposa, que fora sempre amantíssima, e procura a todo o transe uma entrevista com ela.

Pede-lhe explicações: — Porque me deixaste, qual a razão? Agora que eu vivia somente para ti e para o nosso lar?!

Em tempos idos, sim, tinhas tido justificação em te afastares, agora é que compreendo como devias ter sofrido...

E Elisa Adelaide, pálida, nervosa e contristada, responde-lhe, pausadamente:

— Amei-te muito, Diogo José, e o meu tormento foi intenso quando não eras o que eu ambicionava: um bom marido.

Foi em qualquer passagem dolorosa que fiz a jura solene de, se um dia conseguisse ver-te mudado, deixar-te, para avaliáres e compreenderes o que era um dor profunda. Assim fiz, não podia faltar ao meu juramento.

— Presentemente, que resolves, venho buscar-te? Elisa Adelaide, com as lágrimas a lhe rolarem pelo rosto emagrecido, sustenta uma luta íntima e conserva-se silenciosa.

Então Diogo José resolutamente toma-lhe as mãos e diz-lhe, com ternura:

— Elisa Adelaide, olha bem para mim: Já cumpriste o teu voto, portanto, vem para a nossa casa, que te espera. Vamos fazer ambos uma promessa, mas é a de sermos imensamente felizes até ao fim da nossa vida!

nar, quando ele voltou de todo para ela.

Por isso Elisa perguntava a si própria:

Acaso eu o amei? Se tal tivesse acontecido, penso que não podia cortar o elo que nos ligava!

Mas ele fez-me sofrer e eu, friamente, tirei a desforra, com essa jura talvez insensata.

Cuidado, pois! Nem sempre os fortes são os vencedores...

Mas Diogo José não se conformava com o afastamento da esposa, que fora sempre amantíssima, e procura a todo o transe uma entrevista com ela.

Pede-lhe explicações: — Porque me deixaste, qual a razão? Agora que eu vivia somente para ti e para o nosso lar?!

Em tempos idos, sim, tinhas tido justificação em te afastares, agora é que compreendo como devias ter sofrido...

E Elisa Adelaide, pálida, nervosa e contristada, responde-lhe, pausadamente:

— Amei-te muito, Diogo José, e o meu tormento foi intenso quando não eras o que eu ambicionava: um bom marido.

Foi em qualquer passagem dolorosa que fiz a jura solene de, se um dia conseguisse ver-te mudado, deixar-te, para avaliáres e compreenderes o que era um dor profunda. Assim fiz, não podia faltar ao meu juramento.

— Presentemente, que resolves, venho buscar-te? Elisa Adelaide, com as lágrimas a lhe rolarem pelo rosto emagrecido, sustenta uma luta íntima e conserva-se silenciosa.

Então Diogo José resolutamente toma-lhe as mãos e diz-lhe, com ternura:

— Elisa Adelaide, olha bem para mim: Já cumpriste o teu voto, portanto, vem para a nossa casa, que te espera. Vamos fazer ambos uma promessa, mas é a de sermos imensamente felizes até ao fim da nossa vida!

Diogo José abre os braços e Elisa Adelaide precipita-se neles, ansiosamente.

Convenceram-se, então, marido e mulher, de que o amor puro e intangível vivia nos seus corações.

Voltaram unidos, de novo, para o seu lar e nunca mais nuvem alguma esmaeceu a luz que lá imperava.

Bendito o amor, quando é, humanamente, superior a qualquer orgulho exaltado.

Natércia Algarve

MARIO C. DRAGO
MÉDICO

Vila Real de Santo António

Consultas todos os Domingos das 12 as 22 horas

Durante os dias de semana em MESSINES

Em Portimão, os rapazes da camisola alvi-negra venceram, mercadamente, por 2-0, o forte agrupamento de Santarém, sinal de melhoria no onze, com o que muito nos regozijamos.

Olhanense, 8 - União Sport, 0

Os locais exibiram-se como sabem...

Em Olhão, no Estádio Padinha e presenciado por boa assistência, jogou-se no domingo passado o encontro entre as equipas de Montemor e do Olhanense, saindo vencedores os

locais, pelo resultado de 8-0. Jogo arbitrado pelo setubalense Libertino Domingues, que realizou boa arbitragem.

Enfim!... O público de Olhão teve a oportunidade de assistir a uma magnífica exibição da sua equipa, que praticou um futebol prático, útil, vistoso e brilhante, por vezes, (no 1.º tempo), nada de semelhante aos jogos transactos.

Jogou dum maneira diferente, com antecipação, energia facilidade de remate e... engodo pela baliza, graça a um ataque que parecia estar esquecido e que tanto furor fez na época finda. Com excepção de Ângelo, mas em contrapartida com a presença de Vinício, o ataque formado com Rangel, Simões, Vinício, Cavas e Parra, deu-nos a ideia de que será o quinteto ideal para os jogos de futuro e para uma melhoria e recuperação no onze rubro-negro, uma vez insistindo-se na mesma formação e não trocando os jogadores dos lugares a que alinharam.

Foi preciso passarem-se 13 encontros, apresentarem-se 13 formações diferentes — não olvidar que o grupo ainda não jogou dois encontros com a mesma formação — para termos em acção um quinteto há muito esperado, e que só por teimosia de alguém se encontrava, até aqui, ignorado.

Mais vale tarde do que nunca, e eis que reaparece, com justificada alegria da massa associativa, um ataque criado na época finda pelo sempre desejado técnico espanhol, Rafael Pineda.

Não esperava o União de Montemor certamente sofrer tão pesada derrota na sua visita a Olhão, mas a verdade é que encontraram os jogadores olhanenses numa tarde de inspiração e nos seus devidos lugares. De registar que o primeiro tempo terminou com o marcador a registar o resultado de 7-0, que na segunda parte passou apenas para 8-0, devido à confiança que os olhanenses já depositavam no resultado e talvez porque começaram a sentir falta de forças, o que já temos notado nos jogos anteriores.

Os olhanenses foram, durante toda a partida, senhores do rectângulo de jogo, e o resultado, embora pesado, ajusta-se ao domínio exercido pelos donos do terreno.

Assim, esperamos que a equipa não seja alterada, especialmente no que diz respeito ao ataque, já porque venceram folgadoamente, já porque se exibiram agradavelmente e como sabem, acrescentemos.

O Olhanense irá, pois, ao Estoril, confiante num bom resultado, que cremos ser possível. Com a actual formação, não nos surpreende que o Olhanense possa, de novo, passar à 2.ª fase, e surpreender-nos-íamos se não fosse. E como é nosso hábito não deixarmos foguetes antes da festa, aqui nos ficamos.

Herouliano Valente

DESPORTO

BASQUETEBOLE

CAMPEONATO DISTRITAL

Realizaram-se, no passado domingo, dia 2, os jogos respeitantes à 6.ª jornada, que tiveram os resultados seguintes:

S. C. Farense, 26 — Lusitano, 37

Jogo no campo de S. Luís, em Faro.

Arbitro: Alfredo Martins.

Farense: Bastardinho (12), Gago (10), Mónica, Marcos (4), Vau e Firmino.

Lusitano: Gavino (3), Salas (2), Andrade (12), Carro (2), Branco, (18) e Jara.

A partida, que pôs frente a frente estas duas equipas, foi agradável de seguir, pois a incerteza do resultado final era um factor importante, pois os dois «teams» igualavam-se em valor.

No fim do prélio, venceu a equipa visitante, com inteiro merecimento, pois foi, na verdade, superior ao adversário, principalmente, no segundo tempo, em que cobriram muito bem o seu meio campo, não permitindo que os avançados contrários se infiltrassem na defesa, para atirarem de perto ao cesto, e a atestar este facto estão os pontos marcados, que foram somente oito.

Entretanto, o Lusitano viu neste período quase todos os seus avançados coroados de êxito e, por conseguinte, conseguiu tornar favorável um resultado que, no primeiro tempo lhes era negativo, 14-18 para o Farense.

Portanto, resultado justo e certo da melhor equipa em campo, que teve a sua grande arma no mútuo entendimento de todos os seus jogadores, que continuam a suprir algumas deficiências técnicas, com a

sua enorme força de vontade. No Farense, distinguimos Bastardinho e Gago.

A arbitragem foi boa.

S. C. Olhanense, 33

C. F. «Os Bonjoanenses», 62

Arbitro: Mário Marcelino.

Olhanense: Martins (1), Pitté, Nuno (2), Falcão (2), Laurino, Brito (15), Correia e Flávio (13).

«Os Bonjoanenses»: Domingos (2), Jesuino (2), O'Brien (11), Patrício (27), Bernardino (2), Cruz, Cunha e Ferreira (18).

Este resultado de «Os Bonjoanenses» pode considerar-se bom, se atendermos a que foi obtido fora de casa e com uma equipa que tem estado a realizar uma boa prova.

S. L. Faro, 24 — Ginásio C. O., 63

Arbitro: Marcelino José.

S. L. Faro: Pinto (7), Cavaco (6), Jorge (5), Fontainhas (2), Carvalho, Marmota (2), Alexandre e V. Silva (2).

Ginásio: Bruno, Pinto (3), Lázaro, J. Vicente (7), Luís do Ó (50), R. Alves (3) e Almeida.

Triunfo certo da melhor equipa, e proeza de realce do jogador do Ginásio, Luís do Ó, que bateu o recorde do Algarve, alcançando a excelente contagem de 50 pontos.

Jogos para a 7.ª jornada:

«Os Bonjoanenses» - S. L. Faro

Ginásio C. O. - Lusitano

Farense - «Os Olhanenses»

S. Salas

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

É cedíssimo para se dizer que um determinado grupo será o Campeão da Zona Sul. Pelo mesmo motivo, não se poderá garantir que um outro será o último. No entanto, a diferença entre a equipa do Sporting Clube Farense, que apenas perdeu um encontro, em catorze já disputados, e a que se encontra em último lugar (Almada) é já relativamente grande.

Eis a razão por que não constitui arrojado o dizer-se que o Almada, ou mesmo os grupos de Portimão e de Évora não serão os Campeões nem tão pouco os três primeiros classificados, e que o Farense não será o último!

Na verdade, a marcha do Farense, até ao momento presente, é a expressão de que vai na vanguarda a melhor equipa do «momento».

Mais uma jornada do Nacional se disputou, no domingo passado, e mais uma vez o Algarve se colocou em posição de realce. As equipas algarvias venceram os seus encontros, dum maneira clara, que não deixa dúvidas quanto ao mérito dos triunfos.

Em Évora, o Farense saiu vitorioso frente ao simpático Juventude, pela marca de 3-2, depois de estar a perder por 2-1. De registar os três golos obtidos pelo vilarrealense Campos.

Em Olhão, o grupo local exibiu-se a contento da massa associativa e triunfou por 8-0, resultado «estrambólico», mas certo. O União nada pôde fazer contra um ataque em tarde de inspiração, especialmente Vinício, que esteve irrecorrível.

Em Portimão, os rapazes da camisola alvi-negra venceram, mercadamente, por 2-0, o forte agrupamento de Santarém, sinal de melhoria no onze, com o que muito nos regozijamos.

Olhanense, 8 - União Sport, 0

Os locais exibiram-se como sabem...

Em Olhão, no Estádio Padinha e presenciado por boa assistência, jogou-se no domingo passado o encontro entre as equipas de Montemor e do Olhanense, saindo vencedores os

locais, pelo resultado de 8-0. Jogo arbitrado pelo setubalense Libertino Domingues, que realizou boa arbitragem.

Enfim!... O público de Olhão teve a oportunidade de assistir a uma magnífica exibição da sua equipa, que praticou um futebol prático, útil, vistoso e brilhante, por vezes, (no 1.º tempo), nada de semelhante aos jogos transactos.

Jogou dum maneira diferente, com antecipação, energia facilidade de remate e... engodo pela baliza, graça a um ataque que parecia estar esquecido e que tanto furor fez na época finda. Com excepção de Ângelo, mas em contrapartida com a presença de Vinício, o ataque formado com Rangel, Simões, Vinício, Cavas e Parra, deu-nos a ideia de que será o quinteto ideal para os jogos de futuro e para uma melhoria e recuperação no onze rubro-negro, uma vez insistindo-se na mesma formação e não trocando os jogadores dos lugares a que alinharam.

Foi preciso passarem-se 13 encontros, apresentarem-se 13 formações diferentes — não olvidar que o grupo ainda não jogou dois encontros com a mesma formação — para termos em acção um quinteto há muito esperado, e que só por teimosia de alguém se encontrava, até aqui, ignorado.

Mais vale tarde do que nunca, e eis que reaparece, com justificada alegria da massa associativa, um ataque criado na época finda pelo sempre desejado técnico espanhol, Rafael Pineda.

Não esperava o União de Montemor certamente sofrer tão pesada derrota na sua visita a Olhão, mas a verdade é que encontraram os jogadores olhanenses numa tarde de inspiração e nos seus devidos lugares. De registar que o primeiro tempo terminou com o marcador a registar o resultado de 7-0, que na segunda parte passou apenas para 8-0, devido à confiança que os olhanenses já depositavam no resultado e talvez porque começaram a sentir falta de forças, o que já temos notado nos jogos anteriores.

Os olhanenses foram, durante toda a partida, senhores do rectângulo de jogo, e o resultado, embora pesado, ajusta-se ao domínio exercido pelos donos do terreno.

Assim, esperamos que a equipa não seja alterada, especialmente no que diz respeito ao ataque, já porque venceram folgadoamente, já porque se exibiram agradavelmente e como sabem, acrescentemos.

O Olhanense irá, pois, ao Estoril, confiante num bom resultado, que cremos ser possível. Com a actual formação, não nos surpreende que o Olhanense possa, de novo, passar à 2.ª fase, e surpreender-nos-íamos se não fosse. E como é nosso hábito não deixarmos foguetes antes da festa, aqui nos ficamos.

Herouliano Valente

CRÓNICA DE OLHÃO

IMPRESSÕES DISTO E DAQUILO

NOVEMBRO, últimos dias

— Este nome não me sai da cabeça: «Coral Sea». Li-o, há pouco, no jornal. E um turbilhão de imagens ressuscitam, e vejo-me em Lisboa, no Cais das Colunas, olhando espantado aquele enorme porta-aviões americano que parece dormir no Tejo. Aqui e ali descansam outras unidades da mesma esquadra. Mas os meus olhos não se desviam do monstro gigantesco, que encheria de lés-a-lés a ria da minha terra.

Mais tarde (o cenário muda agora para a Rua do Ferregial), de noite, vejo-me inesperadamente entre quatro ou cinco aviadores que ostentam nos «quépis» o nome do grande barco: «Coral Sea». Estão semi-embriagados e querem divertir-se, a todo o custo. Um deles, baixo e moreno, cantarola: «John is the boy for me...» — enquanto dá grandes palmadas nas costas dos companheiros. De repente, um destes toca-me no braço e grita: «War!» Não percebo. O inglês não é o meu forte. Mas o cantor cala-se; os companheiros riem-se. E vejo-me figurante de uma cena patética: o aviador moreno começa a gesticular como um doido, e um chorriho de gritos e ameaças sai-lhe da garganta enrouquecida. Mas os outros, perdidos de riso, repetem-lhe, em coro, a mesma palavra, como se fora um insulto: «War! War! War!» A vítima tapa os ouvidos com as mãos e trem-me, apavorada. Aproxima-se de mim e estremeço eu: a sua face juvenil está horrivelmente marcada, cicatrizes repuxam-lhe a pele em diversos sítios. Algumas mulheres espreatam e indagam: «Está bêbado?» Ninguém responde. A algazarra é enorme. Finalmente, por meio de gestos, consigo fazer-me entender. Um aviador responde-me, encolhendo os ombros: «Coreia». Não é preciso mais.

Sim, leitor amigo. O meu herói estivera na Coreia, na guerra («war» significava guerra), e conhecera-a a fundo — de tal modo que até lhe deixara recordações bem visíveis; por isso (só por isso?...), ele odiava-a do mais fundo do seu ser — de tal modo que nem podia ouvir o seu nome maldito. Só se acalmou perante uma garrafa de «whisky» que alguém lhe passou.

E hoje, decorridos dois anos, ao recordar esta cena, sinto qualquer coisa dentro de mim: o porta-aviões «Coral Sea» está no Mediterrâneo, em manobras... E tenho a certeza de que os companheiros já não troçam do cantor roufenho que não podia ouvir certa palavra — palavra essa que eles sentem pairar sobre as suas cabeças, como uma ameaça indecisa, um sopro gélido que os atravessa, de vez em quando, como se fora uma espada de fogo.

Novembro, ainda — A insonia, na maioria dos casos, não passa de um complexo psicológico. Quantas vezes o sono aparece, aposa-se dos membros, cerramos os olhos, faz desaparecer todos os ruídos — e nós, com um sorriso beatífico nos lábios, continuamos, acordados, até que por fim não resistimos mais: «Maldito sono, que não há meio de vir!» Nesta altu-

ra, claro, batemos no travesseiro e mudamos de posição. O sono irrita-se, era de prever, e afasta-se, resmungando, para outro quarto...

Dezembro, finalmente — Quando uma ideia nova me ocorre, sobressalto-me. Friamente, analiso-a, disseco-a molécula por molécula. Uma dúvida surge então: não estarei enganado? Não a teria visto ou captado de qualquer parte? Meia dúzia de nomes saltam de um lado para outro. «Não, não é deste. Oh! Talvez seja de... Sim, talvez».

Por vezes, encontro a sua verdadeira origem — o que me deixa feliz e desapontado. Mas o pior acontece nas raras ocasiões em que, orgulhoso, verifico que a ideia é realmente minha. Sinto-me duas vezes mais alto; olho para o meu semelhante, lastimando-o da sua mediocridade intelectual; o universo parece-me ínfimo perante a minha genialidade embrionária. Finalmente, quero expandi-la, gritá-la, para que todos a oiçam e a admirem. Mas já não a encontro. Angustiado, procuro recordar-me. Inútil. A ideiazinha desapareceu, evaporou-se. E, em seu lugar, descarada e trocista, uma nova ideia aguarda a minha apreciação crítica...

Inverno de 1956.

António Machelra

SENTENÇA DE REVISÃO

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António, Secção de Processos, correm uns autos crimes de Processo Sumário contra Firmo Gomes Toledo, de 60 anos de idade, casado, industrial de sorvetaria, desta vila, dos quais se vê que em 28 de Outubro de 1955 ficou condenado em pena de multa, por naquele dia ter cometido, no mercado do peixe, desta vila, um crime de injúria.

Posteriormente, porém, requerendo o Ministério Público a revisão criminal, e demonstrando-se, por parecer médico depois confirmado, que o Réu cometera, com falta de integridade mental o sobredito crime de injúria, como novas infracções, o Venerando Supremo Tribunal de Justiça, por seu douto acórdão de 24 de Outubro de 1956, autorizou a revisão.

Procedendo-se legalmente a novo julgamento sumário do Réu em 26 de Novembro de 1956, provou-se que este cometeu o crime de que foi acusado, em estado de «clotímia», de que sofre e que o priva por vezes do uso da razão nas fases expansivas da doença, pelo que foi anulada a referida sentença condenatória, pelos fundamentos expostos, e absolvido e mandado em paz.

Foi-lhe ainda ordenada a restituição da multa que pagou, e arbitrada a indemnização de 500\$00, a pagar pelo Estado, pelos prejuízos morais e materiais sofridos.

Vila Real de Santo António, 28 de Novembro de 1956.

O Chefe da Secção de Processos, (a) António Figueiras da Cruz

Visto

O Juiz de Direito, (a) Francisco Nunes Correia

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

juvens que raramente têm atingido os 12 ou 13 anos de idade, as quais estão «livres de pecado», como os balineses querem. Antes do início da dança, vestem-se lindamente, e são convidadas a sentarem-se junto do turbulo e a absorverem um pouco do fumo do incenso.

Entretanto, a música vai sendo tocada em instrumentos musicais enquanto um sacerdote prega uma oração sobre a beleza das ninfas celestes. Então, Supraba e Nilutama são convidadas a descer à Terra e a tomarem posse dos corpos das duas raparigas. Após algum tempo, estas entram no estado de transe, dançando aos ombros de dois criados, que desafiavam as leis da gravidade, mas não esquecendo que não são duas raparigas que estão dançando, mas sim duas ninfas celestiais que estão possuídas de poderes sobrenaturais, que lhes foram transmitidos pelos deuses. Logo que termina a dança, as duas dançarinas desprendem os seus rolos de cabelos e deles caem, então, flores de aroma delicado. Estas flores são levadas pelos espectadores, para suas casas, e usadas como amuletos contra a epidemia.

O povo de Minahassa, na extremidade noroeste da ilha de Sulawesi, adoptou na sua maior parte a religião cristã, mas, no que respeita aos seus hábitos tradicionais, ainda continua a observar os rituais deixados pelos seus antepassados. Os seus antigos habitantes prestavam culto a vários deuses, com intervalos regulares, especialmente quando reuniam as suas colheitas, aliás forma de adoração que tem sido mantida até à época actual. Esta é agora a origem das chamadas danças «Maengket», dos actuais habitantes de Minahassa, danças que são executadas quando terminam as ceifas ou quando uma família se muda para uma nova casa, e noutras ocasiões, conforme a tradição.

Semelhante à dança «Maengket» dos habitantes de Minahassa há a dança «Magellu» ou Torajas da Sulawesi Central. A «Magellu» é dançada por raparigas vestidas de branco ou de amarelo, sendo uma destas duas cores símbolo de pureza. Esta dança, na qual os movimentos são concentrados nas mãos e braços, é uma imitação da dança das deusas de Toraja, que se supõe viverem no reino dos céus. É executada nas festas de agradecimento nas terras de Toraja.

Entre os Dayaks de Kalimantan há alguns tipos de «danças curativas», executadas por um curandeiro, nos seus esforços para curar uma pessoa doente. O paciente, no dia indicado, tem que se deitar na sala central da sua casa, sendo a cama rodeada pelos seus parentes. Também o feiticeiro se sente ali, dizendo uma prece que é um pedido aos deuses para que o doente se restabeleça rapidamente. Após alguns momentos o curandeiro levanta-se e inicia a sua dança, que lhe é dirigida como «belian». O dançarino tem um «sarong» vestido, mas a parte superior do seu corpo fica descoberta, se bem que use um manto sobre a cabeça. Numa das mãos segura uma galinha branca, para transmitir, como é óbvio, a ideia de que tem boas intenções. O seu colar é feito de ossos de animais selvagens e, aparentemente, serve para afastar os espíritos malignos que causaram a doença.

Na área de Batak, ao norte de Sumatra, há um regulamento para casamentos, segundo o qual o noivo tem de executar uma dança perante a sua noiva, um pouco antes de serem declarados marido e mulher. Olhando para o seu marido enquanto dança, a noiva vai-lhe lançando bagos de arroz sobre a cabeça, exprimindo assim a ideia de que está apta a dar-lhe muitos filhos.

As danças mais aperfeiçoadas da Java Central são as que se executam nos palácios do Sultão de Solo e do Sultão de Jogja. Duas das mais conhecidas são a «Bedaya» e a «Serimpi». Aquela é dançada por raparigas recrutadas nas aldeias vizinhas e que servem durante cerca de 10 anos. Quando atingem a idade de 20 anos, não são mais autorizadas a dançar. A «Serimpi» é dançada por raparigas aparentadas com a família real.

Há, sem dúvida, muitas mais danças na Java Central, dado que é o centro de artes e cultura de toda a ilha. Dignas de menção são, por exemplo, as danças executadas no palco por actores e actrizes, representando os papéis dos tipos criados pelos épicos hindu-javanese, Ramayana (a história do príncipe Rama) e Mahabharata (a história dos 5 príncipes Pandawa).

Estas são, apenas, algumas das várias espécies de danças da Indonésia. Têm sido transmitidas de geração para geração e serão executadas, ainda que modernizadas sob alguns aspectos, futuramente, durante muitos anos.

Rolih de Macedo

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

RELANCE DA HISTÓRIA DO BRASIL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

atendermos em que os três principais chefes da resistência eram: um branco, um índio e um negro! Mais tarde, o advento das ideias liberais, impondo o lema da igualdade, lançou as ideias mestras que conduziram ao desaparecimento dos últimos resquícios de segregação racial.

Postas estas considerações à maneira de preâmbulo, poderemos talvez dividir em cinco os períodos da história da nação nossa irmã: 1.º — Período colonial ou formativo, de 1500 a 1822; 2.º — Período de Pedro I ou do primeiro império, de 1822 a 1831; 3.º — Período das regências, de 1831 a 1840; 4.º — Período de Pedro II ou do segundo império, de 1840 a 1889; 5.º — Período republicano, de 1889 até aos nossos dias.

Não nos deteremos na descrição do período colonial, visto ele ser mais ou menos do conhecimento de todos nós. É já sabido que o primeiro movimento em prol da independência teve por remate a condenação à morte de Tiradentes e a prisão perpétua dos demais conspiradores, entre eles o poeta português Tomás Gonzaga. Depois, com objectivo idêntico, deu-se a revolução quase republicana de Pernambuco, que bastante activou o ódio aos chamados «reínois» — nome dado aos portugueses e aos representantes ou adeptos da autoridade do rei de Portugal.

O desejo de independência de há muito vivia arrefeado na alma do povo. Por isso, quando D. João VI regressou à Europa, chamado pelas Cortes, o movimento subterrâneo dos grupos revolucionários activou-se e, como também já é sabido, o príncipe D. Pedro seguiu na corrente dos acontecimentos e... nas margens do Ipiranga, ao cair da tarde de 7 de Setembro de 1822, foi dele próprio que saiu o grito «independência ou morte», que precedeu a sua coroação, como imperador do Brasil, dias depois. Assim se inaugurou um sistema de monarquia liberal, consoante as ideias do tempo, inspiradas na revolução francesa, que tinham alcançado grande voga no Novo Mundo, principalmente na América do Norte.

O reinado de Pedro I foi curto. A grande protecção que ele deu aos portugueses, o seu carácter autoritário que mal se coadunava com as ideias que defendia, e os escândalos e compadrios provocados por seus amores ilegítimos, foram as 3 causas fundamentais que levaram à sua impopularidade. O imperador era um liberal teórico. No íntimo, ele sonhava sempre ser um pequeno rei absoluto. O liberalismo era muito bom, desde que não bulisse na sua realza. A sua vaidade não lhe permitia sujeições e, por isso mesmo, abusando do seu poder, dissolveu as Constituintes de 1824.

Deste erro tremendo resultou a revolução de Pernambuco e a formação da Confederação do Equador, na qual entravam, transformados em repúblicas, os territórios do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Chegou, mesmo a formar-se um governo, e foi até aprovada a bandeira do novo

A EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS DE MANUEL DOS SANTOS CABANAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

os trabalhos inéditos para nós, salientamos o expressivo e vigoroso retrato do «Marquês de Pombal» e a reprodução admirável de uma das tábuas de Nuno Gonçalves. O conjunto das obras expostas diz bem do elevado nível artístico e do valor de Manuel dos Santos Cabanas, que o consagramos como o nosso mais alto expoente na arte da gravura em madeira.

Felicitando o ilustre artista pelo êxito obtido com esta notável exposição, felicitamos, também, a simpática agremiação olhanense pelo seu feliz empreendimento, que se encontra integrado, como dissemos no nosso número anterior, nos festejos comemorativos do seu XIX aniversário.

Rosália Braamoamp

estado: azul, branca e vermelha, tendo ao centro ramos de algodão e cana, com o dístico: «religião, independência, união e liberdade».

O movimento separatista não vingou. Mas do suplício imposto aos 16 principais revolucionários algo prevaleceu a macular a pureza do regime. O descontentamento, que prevalecia bem vivo entre as camadas populares, consolidou-se mais e mais, sobretudo depois da guerra travada com a Argentina que, em 1828, levou à perda dos territórios situados no rio da Prata — a Cisplatina.

Indiferente às críticas, Pedro I continuou a agir como um pequeno despota, com o rótulo de liberal. E em 1830, ao ser conhecida a queda do absolutismo em França, o povo, louco de alegria, deu-se a manifestações no Rio, dando-se tumultos entre portugueses e brasileiros.

Como resposta ao movimento, formou-se um ministério ordeiro, constituído de elementos suspeitos de pouco inclinados às ideias liberais. A opinião pública protestou e exigiu a queda do gabinete. A tropa aderiu a esses protestos. E em 7 de Abril de 1831, para evitar o pior, que seria a implantação da república, o imperador abdicou no filho, D. Pedro II, e abandonou a pátria adoptiva, em 15 de Abril, para na sua pátria de origem conquistar um trono para a filha, a pequena Maria da Glória.

A espontaneidade da abdicção, as tremendas divergências que dividiam os políticos, e a circunstância do novo imperador, com seus 5 anos, não poderem reinar, foram causas que contrariaram os desejos da minoria radical inclinada à proclamação da república. Em vez desta, surgiu a solução das regências que, no fundo, era quase a mesma coisa.

Começou-se, pois, por uma regência provisória, autêntico triunvirato, que durou dois meses, constituído pelo marquês de Caravelas, general Francisco de Lima e Silva e senador Campos Vergueiro. Seguiu-se uma regência permanente (17 de Junho de 1831), novo triunvirato de Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho e João Bráulio Moniz. Durou 4 anos esta situação. Após muitas polémicas e algumas revoluções, em 1835 o triunvirato desfez-se, subindo ao poder, como regente único, o padre Diogo António Feijó.

(Conclui no próximo número)

J. Silva Carvalho

GARTA DE LISBOA

Desaparece um café histórico

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

rida Junta. Invade o grupo a sala da reunião e, com ameaças de morte, obriga todo o Gabinete a garantir a desistência. E a verdade é que o Governo não tomou posse e se desfez. «O Pintor» não era homem com quem se pudesse brincar. Mesmo sozinho, dava batalha à Polícia e batia-se vitoriosamente com sete ou oito guardas. Quando a força aumentava e se via perdido, refugiava-se em algum barco, no Tejo, donde por último lançava mão de quanta água podia recolher do rio para, senão intimidar, pelo menos encharcar os seus antagonistas. Era, além disso, um homem de extraordinária resistência. De certa feita, levou sete tiros. Mesmo assim, curou-se e saiu do transe como se nem uma bala o tivesse atravessado...

A «Brasileira» do Chiado, essa foi sempre, e pode dizer-se que unicamente, um centro intelectual. Gualdino Gomes, o último dos Vencidos da Vida, entrou ali quase até à véspera de morrer. Hoje é o poiso dos jornalistas, dos actores, dos bailarinos do S. Carlos. As classes têm as suas horas particulares, o que faz o café mudar de clima umas poucas de vezes ao dia.

Nas últimas décadas, os costumes alteraram-se bastante na vida da cidade. Um a um, vários desses cafés foram indo abaixo, ou pela impiedade do camareiro, ou pela simples alteração de ramo de negócio. Pode bem dizer-se que a sobrevivência de alguns dos velhos cafés de Lisboa está seriamente ameaçada. E nota bem comprovante é que se multiplicam as pastelarias, enquanto os cafés decrescem. A mocidade de hoje não é mais a de «fora de portas» e a do café.

Missiva para o Além...

Ao Poeta Cândido Guerreiro

I

Nessa penumbra azul em que vivias,
Eras Francisco ou frade franciscano?
Amavas Margaridas e Marias,
Rebentos dum jardim todo mundano.

Sacrário de tristezas e alegrias,
Andaste pela vida sempre ufano,
Fazendo até das noites claros dias
Com a nobreza altiva dum tirano...

O Deus do Céu e o Deus da Criação,
Contigo unidos em contradicção
Nas espirituais regras simbólicas.

Que Deus perdoe, enfim, os teus pecados
Na cúpula dos astros limitados.
E ao ver as tuas barbas apostólicas...

II

Dobrade o cabo escuro dos oitenta,
Excelso florentino de sonetos;
Eu aqui venho derramar afectos
Com a memória ainda um pouco atenta.

Nesta valhice, solitária e benta,
Cá vou gizando alguns pobres tercetos.
Enquanto os brancos lutam com os pretos
E a Hungria geme numa dor sangrenta.

A candidez do Mundo é um mistério,
Um cortejo sinistro de maldades,
Que só tem fim na paz do cemitério.

Tudo em revolta! Ais que nos espantam!
Crianças tombam com atrocidades,
Os crentes rezam, e os poetas cantam!...

MARCOS ALGARVE

A LEI DE MEIOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fiança que resulta do conhecimento da boa e criteriosa aplicação dos dinheiros que entram nos cofres do Estado. E, por último, quanto ao conhecimento antecipado das intenções do Governo em certos sectores poderá servir de elucidação benéfica para iniciativas particulares em investimentos e em trabalho. Assim se verifica, de facto, o grande interesse sempre manifestado pelo desenvolvimento da economia nacional pelo Governo do Estado Corporativo Português.

Assim, dentro da actual concepção, o Governo, pelo Ministério das Finanças, serve-se da Lei de Meios não somente para cumprir as disposições constitucionais sobre receitas e despesas, mas para revelar, na aplicação dos dinheiros públicos, um verdadeiro plano de acção em sectores essenciais, como sejam os de fomento económico, educação e cultura, serviços públicos, defesa e segurança, turismo, obras de interesse social, etc.

O estudo elaborado pelo professor Pinto Barbosa não só documenta a sua alta competência em matéria económica e financeira e o seu vasto conhecimento dos problemas e da sua interdependência no quadro dos países com os quais a nossa economia mantém mais relações e afinidades, mas assegura que não se altera a orientação do Governo no seu propósito de dar a conhecer ao País, e neste caso com a maior antecipação possível, as linhas gerais da sua política em vários sectores da administração. Parece desnecessário acentuar-se quanto a administração do Estado se prestaria procedendo desta maneira, quanto contribui para radicar no espírito dos que concorrem para a formação das receitas a con-

fiância que resulta do conhecimento da boa e criteriosa aplicação dos dinheiros que entram nos cofres do Estado. E, por último, quanto ao conhecimento antecipado das intenções do Governo em certos sectores poderá servir de elucidação benéfica para iniciativas particulares em investimentos e em trabalho. Assim se verifica, de facto, o grande interesse sempre manifestado pelo desenvolvimento da economia nacional pelo Governo do Estado Corporativo Português.

Dr. Coelho do Valle

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO

Nas Escolas Primárias deste Concelho

Conforme tínhamos noticiado, realizou-se uma sessão comemorativa da Independência Nacional, na Escola Masculina desta vila. Estavam presentes, além da M. P. local, todo o corpo docente das Escolas de ambos os sexos e respectivos alunos, director do externato, sr. Teixeira Marques, sr. Júlio Mendes e o delegado escolar deste concelho, sr. Francisco Caldeira Alexandre. Usaram da palavra a professora sr.ª D. Maria Luísa Socorro Queiroz, o delegado escolar e, finalmente, o presidente da Câmara, sr. José Victor Adragão, que seguidamente procedeu à entrega dos prémios. Foram premiados com prémios pecuniários oferecidos pelo Município dois alunos da 3.ª classe e dois alunos da 4.ª classe, tendo um deles, Manuel Zacarias Segura Viola, recebido, além do prémio em dinheiro, uma carta do sr. ministro da Educação Nacional e uma biblioteca de 30 volumes.

Também nas escolas de Vila Nova de Cacela e de Monte Gordo se efectuaram sessões, com a assistência das Autoridades Concelhias e Escolares. Em Cacela, falaram vários oradores e um aluno premiado, João Faleiro Vicente, tendo no final da sessão actuado o orfeão das escolas de Cacela, e tendo sido recitadas algumas poesias.

Em Monte Gordo, discursaram o sr. presidente da Câmara, o Delegado Escolar e a professora sr.ª D. Maria Teresa Evaristo Gonçalves, tendo sido premiado o aluno José Custódio Estêvão.

INICIOU-SE A CONSTRUÇÃO de um Parque de Campismo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sitantes manifestaram-se encantados com as suas esplêndidas condições, tendo ficado assente que se procederá às necessárias diligências para que os trabalhos de construção do Parque de Campismo se iniciassem em Maio ou Junho deste ano.

Maio e Junho passaram — e passaram os restantes meses de Verão, em que foi grande a afluência de campistas, principalmente de nacionalidade francesa. Finalmente, porém, a semente, que levou alguns meses mais a germinar, traduziu-se em resultados práticos e concretos, que assinalamos com o maior prazer.

O Parque de Campismo, melhoramento indispensável para a nossa terra, a que tantas vezes tivemos ocasião de referir-nos nestas colunas, pugnano pela sua construção, começa a ser uma realidade. Situação na estrada da Mata, à entrada de Monte Gordo, junto do depósito de água que abastece aquela Praia, já poderá, no próximo ano, prodigalizar os seus benefícios aos numerosíssimos campistas que todos os anos nos visitam.

Conforme pudemos ver numa rápida visita, já se encontram adiantados os trabalhos de construção. Contudo, tratando-se de melhoramento de tanto interesse para o incremento do Turismo nesta região, voltaremos a referir-nos a ele, num dos próximos números deste jornal, tratando-o com o relevo devido. Não quisemos, todavia, deixar de assinalar, desde já, a realização de um benefício a que sempre dispensámos um entusiástico interesse.

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Aqui, o vendedor ambulante que foi autoado por não poder estar parado — conforme preceitua o edital camarário; acolá, o que se entregou nos braços aliciantes de Baco para fugir às tristezas da vida; mais além, a varina que faltou ao respeito à autoridade, como se, afinal, não fosse comum, no momento conturbado em que vivemos, faltar ao respeito a toda a gente, e até a nós próprios. Ainda outro, por sofrer dos rins, foi forçado a urinar na via pública.

É todo um sudário de caracteres que perpassam pela barra do tribunal, é todo um panorama tipicamente cidadão, com as suas figuras típicas e os seus conflitos novelescos, é toda uma amalgama de podridão, nas coisas, nas pessoas, em tudo.

Mas não podia ser de outra forma: é uma vida que palpita, uma vida estranha mas vivida, um entrecchoque de paixões e de temperamentos, de fortuna e de processos. É um viver em que cada qual tem particularidades na sua vida — vida que nem sempre pode ser compreendida ou explicada, mas que, a pesar de tudo, é vida.

José dos Santos Marques

Visado pela Comissão de Censura